

PSICODRAMA PEDAGÓGICO

META

Apresentar o método e as técnicas do psicodrama aplicados à aprendizagem.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

definir Psicodrama Pedagógico; explicar a importância da fantasia para o processo de aprendizagem; avaliar se o conteúdo ensinado faz sentido para a vida; e identificar as etapas de uma aula baseada no Psicodrama Pedagógico.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre teoria de papéis e conceitos de espontaneidade e psicodrama.



INTRODUÇÃO

O Psicodrama Pedagógico consiste na aplicação dos conhecimentos formulados por Jacob Levy Moreno às áreas da educação, organizações, empresas e comunidades, ou seja, quando o contexto não é psicoterapêutico. Veremos, nesta aula, caro aluno, uma teoria que mostra a aprendizagem como resultado de processos criativos e espontâneo, e que se preocupa muito com a forma com que o assunto será passado e vivenciado pelo aprendiz. Nessa teoria, vale a Educação-ação, o aluno deve ser estimulado pelo professor a vivenciar os novos conceitos em grupo, compartilhando as conclusões com os demais colegas por meio de um processo criativo, que pode ser verbal ou por meio da produção de uma cena curta (teatro), ou de imagens corporais. É um modelo que provoca o aluno e aumenta a sua autonomia, evidenciando o seu papel e o do professor, incentivando a relação horizontal, sem com isto, descaracterizar as funções e obrigações de cada um.



(Fonte: <http://www.rosak.com.ar/imagenes/artaud.gif>).

PSICODRAMA

Olá, caro aluno. Para esta aula, você vai precisar lembrar as aulas de Teoria de Papéis e Espontaneidade e retomar alguns conceitos de Psicodrama.

A Educação para o Psicodrama Pedagógico prega uma aprendizagem humana-significativa e tem, em sua base as idéias da Fenomenologia e do Existencialismo.



**Edmund
Husserl**

Filósofo e lógico alemão (1859/1938). Foi professor titular da Universidade de Friburg e escreveu Investigações lógicas (1900/1901).

BASES DO PSICODRAMA PEDAGÓGICO

Fenomenologia: linha de pensamento filosófico criada pelo matemático **Edmund Husserl** (1859-1938) que busca a verdade como ela é. Propõe analisar o sentido de cada coisa independente das explicações já existentes, ou seja, esquecer o que já se sabe para analisar do começo, sem influências. Em outras palavras, devemos analisar as coisas da maneira como elas chegam a nossa consciência, em sua verdadeira essência. A isto ele chamou de fenômeno. <http://www.cobra.pages.nom.br/ftm-fenomeno.html>

Existencialismo: linha de pensamento filosófico que surgiu no século XIX com o dinamarquês Soren Kierkegaard (a pronuncia é Quíquegar). Essa linha de pensamento foi influenciada pela Fenomenologia e tem como principais pressupostos a idéia de que a experiência interior é mais importante que as verdades da nossa sociedade, ou seja, não existe uma única verdade sobre as coisas, e sim a verdade de cada um. Outra idéia é a de que o homem é responsável por seu caminho e suas escolhas independente dos fatores da vida. Aqui não dá para justificar os nossos erros com a nossa criação, pois tudo o que você faz, mesmo o aprendido como certo, é uma escolha. <http://www.cobra.pages.nom.br/ftm-existencial.html>

Mas, o que vem a ser o Psicodrama Pedagógico?

Para entendê-lo, é preciso, antes de tudo, ter uma noção de Psicodrama. Isto você já tem, caro aluno. Lembra da aula de Teoria dos Papéis? Nela pudemos aprender que o psicodrama é uma teoria criada por um médico chamado Jacob Levy Moreno, e que seus estudos se aprofundaram sobre o comportamento entre as pessoas, com elas mesmas e em grupos. Ele nos mostrou que o papel pode ser entendido como a menor unidade de conduta observável que podemos traduzir como ações desempenhadas em um determinado contexto, ou seja, o que aprendemos constitui os nossos papéis ou acrescenta algo a eles. Por exemplo, o papel de filho tem ações diferentes do papel de amigo. O papel de professor é diferente do papel

de pai, mesmo que sejam exercidos pela mesma pessoa. Ninguém é do mesmo jeito em todos os lugares, pois aprendemos a ler o ambiente para saber qual papel exercer.

Na aula sobre espontaneidade, caro aluno, aprendemos que estar espontâneo é fundamental para exercermos nossos papéis, para podermos criar e nos desenvolver. E cada um deles só entrará em ação mediante a existência de um contra papel (mãe e filho, professor-aluno, marido-mulher).

O Psicodrama propõe o estudo do desenvolvimento do papel, o estudo dos vínculos desenvolvidos e o tratamento dos papéis, que consiste em trabalhar para retomar a espontaneidade perdida e a capacidade de criar.

O Psicodrama Pedagógico é a aplicação dessas idéias na Educação. Propomos o acompanhamento do desenvolvimento do papel de aluno (como ele aprende a ser aluno?), as suas interações e o incentivo à ação espontânea-criativa.

Dentro da visão psicodramática, as emoções e sensações são de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem e, sendo assim, é preciso, antes de tudo, aprender a usar os sentidos para depois introduzir o conteúdo. Lembra-se de ter lido algo a respeito disso? Trabalhar os sentidos? Sim, Piaget fala sobre isso quando prega a idéia de que a criança deve ser estimulada em seus sentidos (fase sensório-motor).

Mas com qual finalidade devemos aprender a usar os sentidos? Sera que, conforme diz Piaget, é para favorecer o desenvolvimento orgânico e, por conseqüência, a aprendizagem? Também, mas não é só isso! A proposta do Psicodrama Pedagógico é levar o aprendiz a testar os limites dos seus sentidos. O que essa teoria quer, além de explicar como a criança aprende a partir do seu desenvolvimento, é mostrar que os caminhos para a resposta certa podem ser variados, e para que ela possa fazer a melhor escolha, deve utilizar mais que conhecimentos, isto é, deve usar os seus sentidos.

Você, ou algum amigo seu, já deve ter passado pela situação de ter um exercício reprovado porque a forma escolhida para resolvê-lo era diferente da que o professor ensinou (mesmo a resposta estando correta) ou por ter respondido uma questão com as suas palavras e não com as do livro.

Pois é, isso acontece com freqüência nas primeiras séries escolares da vida de uma pessoa, e o aluno é punido por usar a sua criatividade, como se existisse apenas uma única forma de se resolver algo, ou entre as possibilidades existentes, a correta é aquela que o professor ensinou. Agora imagine, caro aluno, se sempre fosse assim. Lembra-se do pequeno Gauss? Quantos outros quiseram criar novos caminhos e nunca receberam apoio? Nem dá para fazer uma previsão.

Mesmo que essa situação não aconteça, o problema continua quando o professor ensina uma forma de raciocínio e diz: “esta é a forma correta de se resolver”. Isso faz com que o aluno entenda que não precisa olhar para outras possibilidades, já que a forma correta está ali. Procedendo desta maneira, deixamos de buscar no aluno a sua condição de usar a fantasia, e

qual o problema disso? É que, ao criarmos algo, recorremos a nossa capacidade de fantasiar, de imaginar. Levar o aluno a recorrer a sua capacidade de fantasiar é um dos objetivos desta teoria.



ATIVIDADES

A partir do que foi colocado, caro aluno, defina Psicodrama Pedagógico? Qual a sua finalidade?



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O Psicodrama Pedagógico, com base no que você viu até o momento, consiste na aplicação dos conhecimentos do Psicodrama à Educação. Tem como finalidade ajudar no desenvolvimento do papel do aluno, como na sua capacitação para aprender os conteúdos de uma forma ativa e com sentido para a vida. Para isso, o aluno é incentivado a usar a sua criatividade e liberdade para trabalhar os conteúdos.

Você já parou para analisar a importância da fantasia? Pode até parecer estranho para alguns, porém a fantasia é de extrema necessidade. Vamos entender como?

Antes de começarmos a abordar a importância da fantasia, é necessário ressaltar que a aquisição e a reprodução de conhecimento é uma das melhores coisas que podem acontecer para um bom profissional da Educação. Talvez você esteja se questionando por que estamos falando disso. É simples. Para entender a importância da fantasia, é preciso entender um outro processo que a princípio não parece ter ligação com Matemática, mas depois de entender, você verá que tem tudo a ver.

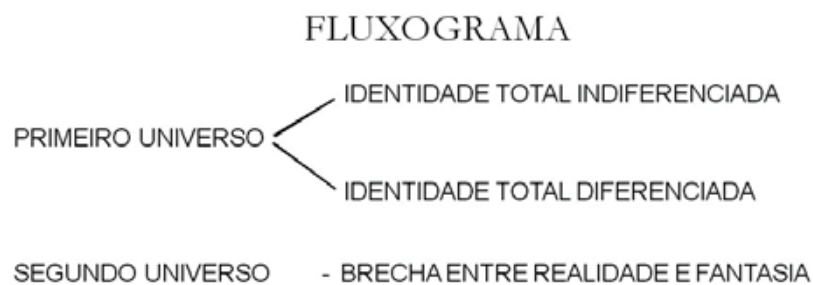
Lembra como foi a chegada a sua casa após o seu nascimento? É claro que não. Nessa época, o seu sistema neurológico ainda estava em formação e, por consequência, a sua memória ainda não funcionava como funciona hoje.

Diversos teóricos demonstram que, ao nascer, a criança não tem condições de diferenciar os objetos no mundo. Ela não sabe que as cadeiras existem, nem que as pessoas existem como seres independentes uns dos outros. Para ela tudo é uma coisa só e, mesmo assim, ela nem tem consciência disso. Tá complicado? Imagine que a criança ainda não aprendeu nada da nossa cultura e, dessa forma, ela não pode saber nada do que você sabe. Neste período, ela funciona a partir do que a genética e o corpo pedem. Para Piaget, essa situação se encontra no início do sensório-motor. **Sigmund Freud** (a pronúncia é Fróid) diz que a criança nasce indiferenciada, sem reconhecer as outras coisas. Para o Psicodrama, a criança passa por dois Universos, e a fase de indiferenciação (viver como se tudo fosse uma coisa só) encontra-se no Primeiro Universo.



Sigmund Freud

Médico austríaco (1856/1939). Fundador da psicanálise. Teorizou sobre o inconsciente, local onde ficam armazenadas as lembranças traumáticas e desejos proibidos.



PRIMEIRO UNIVERSO

A Identidade Total Indiferenciada é esse período que retratamos no parágrafo anterior, ou seja, o período em que a criança nasce e não tem ainda registros e informações sociais e culturais, além de não ter condições de aprender por causa do desenvolvimento incompleto do seu sistema neurológico. Nesse período, de acordo com Moreno (1997), a criança se relaciona com o mundo a partir dos seus comportamentos orgânicos, comer, urinar, defecar, dormir entre outros. Essas ações do bebê são reconhecidas

como papéis psicossomáticos: é assim que ele se relaciona com o mundo. O papel complementar é produzido pelos familiares que cuidam da criança. A Identidade Total Diferenciada acontece quando a criança cresce mais um pouco e começa a reconhecer e a diferenciar as pessoas (chora quando um estranho se aproxima); ela passa a perceber a existência dos objetos e a querer manipulá-los. É nesse momento que a criança passa a se reconhecer, e se você quiser ver isto na prática, é só fazer um teste: coloque uma criança pequena (três meses) diante de um espelho e observe se ela reage a ele (o provável é que não dê atenção), depois faça o mesmo com uma criança maior (seis meses) e veja a diferença de comportamento. Agora proceda da mesma maneira com uma criança de 12 meses. Certa vez, acompanhei uma mãe que fazia essa experiência com seu filho. Ela passava batom na ponta do nariz da criança e, por volta dos seis meses, aquela mancha de batom chamava a atenção do bebê. É, caro aluno, como você pôde observar, a criança diferencia as coisas, mas ainda não consegue imaginá-las quando não está vendo o objeto. Ainda não sabe fantasiar, você mostra uma bolinha e ela sorri, você esconde e ela fica séria, mostra novamente e ela sorri, esconde e ela fica séria. Ela não sabe que o objeto existe longe do alcance dos seus olhos.

SEGUNDO UNIVERSO

O Segundo Universo é marcado pelo que Moreno (1997) chama de brecha entre a fantasia e a realidade. A partir desse momento, que ocorre após os dois anos, a criança passa a perceber que existem objetos mesmo na ausência do seu olhar. Agora você esconde a bola e ela vai procurar. Entenda a palavra “brecha” como uma rachadura que separa a realidade da fantasia. Ela agora sabe fazer a diferença. Com isso, ela ganha a capacidade de simbolizar, já que simbolizar é imaginar os conceitos e o significado das coisas. O desenvolvimento da capacidade de fantasiar também é o responsável pela aquisição dos papéis psicológicos e, por consequência, os papéis sociais.

Papel psicológico: também conhecido como papel psicodramático, é toda ação realizada no campo da imaginação. Brincamos de casinha, de ser médico, professora, fazemos de conta que somos motorista e brincamos com o carrinho, Batman, Super-Homem, uma princesa no castelo, polícia e ladrão... Nesse momento, usamos a fantasia para aprender como é que funcionam os papéis que iremos usar na nossa vida social (papéis familiares, profissionais etc.).

Papel social: são os papéis que usamos para nos relacionarmos com as demais pessoas na sociedade. Ser professor, aluno, pai, mãe, filho, policial, bandido, vendedor, juiz, jogador de futebol, e tantos outros. Perceba que os mesmos papéis podem ser sociais ou psicológicos. O que vai diferenciá-los é a ocorrência deles na fantasia ou na realidade. Devemos compreender, também, que todo papel social passa pela nossa imaginação antes de o executarmos. É a interiorização, como vimos em Gagné, Bandura, Ausubel e Vygotsky.

Será que deu para entender a importância da fantasia? É que sem ela não iríamos imaginar nem um simples $1 + 1$. Dependemos dela para criar. Temos por obrigação ensinar o conteúdo, mas também ensinar o aluno a fantasiar a partir do conteúdo aprendido. Incentivar a busca por novos caminhos.



(Foto: Isa Janny).

ATIVIDADES



Gostaríamos de saber, caro aluno, se você concorda que a capacidade de fantasiar tem tanta importância quanto podemos observar através do que foi apresentado nesta aula. Caso concorde, descreva dois casos em que a fantasia foi importante para o processo de ensino e aprendizagem. Caso contrário, explique os seus motivos.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Podemos imaginar, caro aluno, diversas respostas para a importância da fantasia no processo de aprendizagem. Um exemplo disso é a idéia de dimensão. Imaginamos algo grande em relação a uma outra coisa pequena e, assim, promovemos a interiorização que tanto foi citada em outras aulas. Isso é um exemplo de uso da fantasia. Um outro é a aquisição dos papéis sociais. Aprendemos os papéis que existem na nossa sociedade brincando de professora, vendedor, polícia, bombeiro

etc. Nesse momento, estamos utilizando as brincadeiras e fantasias para saber como funcionam os papéis e quais as regras para exercê-los. Caso você não ache que a fantasia é importante, acredito que esteja dando mais importância às expressões do que foi aprendido (resoluções de exercícios) para mostrar que sabe o conteúdo. Não esqueça que até para escrever, usamos a nossa mente, e isso ocorre no campo da abstração.

O Psicodrama prega a filosofia do momento. E o que vem a ser esta filosofia? É a idéia de vivenciarmos as coisas que acontecem no instante em que acontecem. Aplicando este conceito à Educação devemos procurar saber qual o sentido que aquele conteúdo ensinado tem para o aluno naquele instante, e não no dia da prova. Muitos professores utilizam a prova como um medidor do entendimento do aluno e isto é um equívoco. Então é necessário que o professor verifique a compreensão do aluno sobre o assunto abordado logo após repassá-lo, para que não ocorram dúvidas sobre o conteúdo na hora da prova. Será que tudo que aprendemos em sala de aula faz sentido para a nossa vida? O que você acha, caro aluno? Analise as coisas que você já aprendeu e reflita por um momento. Infelizmente, na continuidade dos nossos estudos, percebemos que muito dos conhecimentos que adquirimos não são utilizados. Onde ficam os conhecimentos de Literatura, Geografia, história do Brasil e tantas outras no curso de Matemática? Infelizmente para a maioria isto se perde.

Devemos ensinar buscando o sentido que aquele conteúdo faz pra a nossa existência e não só para a sala de aula, sem fechar as possibilidades de certo e errado com relação ao uso do conteúdo, pois cada aluno pode utilizá-lo a partir da sua verdade. Quantos alunos não simpatizaram com a Matemática, a Física, a Geografia ou com a Biologia por que não faziam a menor idéia de como aplicar aquele conhecimento? Durante a minha infância, também cansei de ouvir e de dizer que as pessoas que inventaram a escola e as ciências não tinham o que fazer, e provavelmente não sabiam soltar pipa e nem jogar bola. Essas coisas é que faziam sentido. Sabíamos para que serviam, era para a diversão e permitia a nossa liberdade de expressão e criação. O problema é que, nas aulas, raramente os professores relacionam o conteúdo com a vida.

O Psicodrama Pedagógico prega que a aprendizagem deve ser mais voltada para a vida e para a ação do que para o simples acúmulo de saber. A ênfase aqui é a aprendizagem pela ação (drama significa ação) e envolve os sentimentos e as ações mentais que surgem durante o processo de ensino-aprendizagem (psico vem de psiquê e significa alma ou mente, ou ainda, o que comanda as emoções). Podem ser utilizados os jogos, a dança, a fala, a atividade grupal, o teatro entre outras.



O banho de Psiquê, tela de Frederic Leighton, 1880 (Fonte: <http://bp0.blogspot.com>).

Conserva cultural

Uma explicação para esse tipo de ocorrência é que o professor de hoje foi um aluno que estudou toda a sua vida em sala de aula, sem que seus modelos (professores) o levassem à prática, e como consequência ele não desenvolveu esta ação no seu papel de professor, não aprendeu a fazer isto.

Aprendizagem pela ação, caro aluno, não significa uma ação solta e sim acompanhada. Deve ser uma ação em conjunto, ou seja, alguém com um determinado conhecimento fornece o material (conteúdo a ser ensinado ou **conserva cultural**) para uma pessoa (aluno) que irá transformar e criar a partir do conteúdo, produzir algo novo.

Uma idéia muito parecida já foi apresentada na aula sobre Vygotsky, lembra? Para Vygotsky a aprendizagem em grupo funciona melhor. O mesmo se vê no Psicodrama Pedagógico.

O que custa a um professor de Ciências sair da sala e levar os alunos para o jardim da escola com a finalidade de estudar na prática os tipos de plantas? Ou um professor de Biologia ir até a aula de Educação Física e utilizar a aula do colega para estudar músculos, ossos e circulação? O problema é que, na maioria das vezes, o professor está preso à conserva cultural, isto é, acredita que a aprendizagem deve ocorrer dentro da sala de aula no formato professor fala e aluno escuta. Uma explicação para esse tipo de ocorrência é que o professor de hoje foi um aluno que estudou toda a sua vida em sala de aula, sem que seus modelos (professores) o levassem à prática, e como consequência ele não desenvolveu esta ação no seu papel de professor, não aprendeu a fazer isto. Será que você encontra outras explicações? Caso a resposta seja sim, compartilhe com seus colegas via e-mail ou chat.



(Fonte: <http://www.comunidade.sebrae.com.br>).

ATIVIDADES

E o professor de Matemática? Será que dá para relacionar o conteúdo com a vida ou tudo que aprendemos só dá para ser usado no papel ou para alcançar a aprovação no final do ano? Vamos lá, caro aluno, vá para o mundo da fantasia, use a criatividade e mostre como você pode relacionar a Matemática com a vida. Para isso, escolha um assunto de que gosta e mãos à obra.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para resolver essa questão, você precisa ver em quais lugares (fora da sala de aula) a Matemática pode ser usada. Um bom lugar é o supermercado. Lá podemos calcular o valor dos produtos com a finalidade de gastar menos. Por exemplo, entre dois produtos iguais com volumes diferentes é mais lucrativo comprar um pacote grande ou dois pequenos? Com uma regra de três, você pode saber qual fica mais caro. Pode-se trabalhar com caderneta de poupança ou levar os alunos para calcular distâncias reais, como forma de exercício.

A base é o estímulo da espontaneidade para favorecer a criatividade. Assim, o aluno poderá sempre desenvolver uma forma para aprender além daquela que o professor mostrou. Espera-se que sejam desenvolvidos o juízo crítico, a socialização, a interação, a aprendizagem grupal e o bom clima emocional. Isto porque devemos observar todo o conteúdo ensinado em sala de aula relacionando-o com tudo que aconteceu na vida do aluno.

Busca-se, caro aluno, acabar com a idéia de perfeição por repetição, ou seja, o aluno tem que repetir até que dê uma resposta igual à do livro ou à do professor. A idéia é favorecer a criatividade do aluno para que esse possa construir suas respostas a partir do que lhe foi ensinado, sem ter que necessariamente ser uma cópia do livro.

Recorremos aqui, caro aluno, à Teoria de Papéis que foi estudada na aula 2. É importante observar como o professor está desempenhando o seu papel. Uma das formas de se trabalhar o Psicodrama Pedagógico é trabalhar com os diversos papéis desenvolvidos pelo aluno.

Vamos observar agora uma experiência que traz o trabalho com o papel. No caso, os alunos passaram a fazer o papel do professor e o professor fez o papel de aluno (**inversão de papéis**). Isso aconteceu em um curso de Introdução à Psicologia da Aprendizagem no ensino presencial da UFS. Após estudarem as teorias que você estudou até agora, os alunos formaram grupos e cada grupo escolheu a teoria de que mais gostou. Feito

Inversão de papéis

É importante observar como o professor está desempenhando o seu papel. Uma das formas de se trabalhar o Psicodrama Pedagógico é trabalhar com os diversos papéis desenvolvidos pelo aluno.

isso, eles escolheram um assunto para dar aula, o assunto que quisesse, mas deveriam usar os métodos da teoria escolhida.

Veja bem, eles não iriam dar aula sobre a teoria, mas dar uma aula baseada na proposta dessa teoria. Não houve determinação de tema pelo professor: eles tiveram liberdade para criar e usar a teoria da forma que acharam melhor, sem que isso interferisse na nota.

A turma era composta por alunos de vários cursos: Biologia, Educação Física, Ciências Sociais, Medicina, Letras Espanhol, Engenharia Elétrica e Geografia, o que nos proporcionou uma diversidade de conteúdos nas aulas apresentadas. Tivemos aula sobre o tratamento da água e coleta de lixo (alunos de Biologia); a importância da atividade física, do alongamento e do relaxamento (alunos de Educação Física); Aids e DST (alunos de Medicina), novas tecnologias e tv digital (Engenharia Elétrica) entre outras. Tivemos até aula no ginásio de esportes, onde aprendemos os fundamentos do basquete.

Nessa ocasião, os alunos foram os professores e tiveram total liberdade para criar as formas de ensinar. Com isso, eles entenderam melhor o conteúdo das teorias, o que podia ser aproveitado e o que precisava de adaptação para o contexto. É importante afirmar que, nessa situação, o professor assumiu o papel de aluno e aprendeu muitas coisas novas, participando de todas as aulas dentro dos grupos.

A partir desses exemplos, verificamos a relação horizontal entre professor e aluno, em que juntos promovem a aprendizagem e não a posição vertical, em que o professor sabe e o aluno não, foi o que vimos no exemplo anterior. Essa posição favorece a relação entre os papéis de aluno e professor e favorece a aprendizagem. Trabalhar com a relação horizontal não significa igualar as ações. O professor continua sendo professor e o aluno continua aluno, pois cada um tem as suas características e obrigações. O que muda é o acesso e a forma como um vê o outro. Como pessoas, são iguais, como profissionais, um não é melhor que o outro, mas têm ações e responsabilidades diferentes que se complementam.

Uma aula baseada no Psicodrama Pedagógico, caro aluno, será constituída das seguintes etapas:

1. Aquecimento inespecífico: é o momento em que o professor chama a atenção para ele, podendo contar uma história ou um acontecimento que mobilize os alunos. Experimente essa prática com a temática que será trabalhada em sua aula. Isso faz com que o aluno inicie sua espontaneidade para trabalhar a Matemática. Podem ser usadas várias coisas além da história, você é quem escolhe (música, piada, um caso, um conto, uma experiência) como aquecer os alunos para o novo conteúdo. O professor pode contar uma história envolvendo o assunto, ou adiantar alguma informação sobre esse assunto.
2. Aquecimento específico: nessa etapa, o aluno já sabe qual vai ser o tema e agora você irá aquecê-lo de uma forma mais direta. Pode-se fazer um

adiantamento sobre o que trata a aula (introdução), o professor pode dar exemplos da utilidade do assunto na vida de cada um ou buscar os conhecimentos prévios existentes. Uma boa dica é trabalhar de uma forma relaxada, expressando empolgação. Os alunos gostam disso e ajuda a prender a atenção deles. Se o professor estiver aquecido, os alunos também ficarão.

3. Cena: é a parte da ação. Tradicionalmente os professores escrevem no quadro e explicam o assunto. No Psicodrama Pedagógico você colocará no quadro e dará as devidas explicações, mas poderá utilizar outros recursos práticos. Como assim? A aula não precisa ser dentro da sala, você pode buscar em outros espaços os exemplos dos conceitos e das suas aplicações. Pode também dividir a sala em grupos para que discutam os novos conceitos antes de partir para as resoluções de exercícios. Em grupo, as discussões são mais ricas e, após essa fase, pedimos para que cada grupo expresse para a turma o que concluiu. Essa expressão deve acontecer de forma livre, com palavras ou com uma pequena encenação, ou ainda da forma como os componentes acharem melhor, contanto que o conteúdo seja transmitido. Nesse tipo de procedimento, encontramos o grau máximo de criação.

4. Compartilhar: é um dos momentos mais importantes da aula. É quando a turma e o professor conversam sobre o que entenderam sobre as dificuldades e analisam todo o processo, pontos positivos e negativos com a finalidade de melhorar o desempenho dos alunos.

Sabemos que nem sempre dá para fazer dessa forma, pois o calendário pede que os conteúdos sejam dados em um determinado tempo, e esse formato de aula aprofunda muito em cada conteúdo, necessitando de mais tempo do que a escola permite. Recomendo, caro aluno, que o faça freqüentemente. Independente disso, você sempre pode incentivar a espontaneidade e a criatividade dos estudantes, e claro, relacionar o conteúdo com a vida e de forma ativa.



CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto e estudado, concluímos que o Psicodrama Pedagógico propõe uma forma diferente de se aprender. É uma teoria que busca o amadurecimento do papel do aluno e do professor mostrando as responsabilidades de cada um, sem que, para isso, a relação tenha que ser de desigualdade: um sabe e o outro não sabe. Entendemos também que uma de suas maiores contribuições está em relacionar os conteúdos com a vida, e saber que as pessoas têm a sua forma própria de ver e entender o mundo, em outras palavras, de aprender o mundo. A forma correta para se chegar a isso é promovendo, por meio do aquecimento, o surgimento da espontaneidade que favorece a criatividade.



RESUMO

O Psicodrama Pedagógico é uma modalidade questionadora de ensino porque sua proposta é sair do modelo tradicional, utilizando-se de uma postura ativa para transmitir os conhecimentos. Uma de suas principais características é a necessidade de relacionar os conteúdos ensinados com a vida dos alunos, com a finalidade de buscar um sentido para esses conteúdos. Essa forma de abordar o conteúdo está fundamentada na sua base filosófica fenomenológica-existencial, que prega a importância do momento e da forma como cada pessoa vê o mundo ao seu redor. Entre os seus principais conceitos estão os de espontaneidade e criatividade, já abordados na aula anterior, e o conceito de fantasia, que explica a sua importância para a aprendizagem. Para criarmos precisamos da espontaneidade. O processo criativo ocorre em grande parte na nossa fantasia e a sua aplicação final ocorre no social. A aula com o formato do Psicodrama Pedagógico envolve o aquecimento (preparação para o que vai ser estudado), a cena (o trabalho do professor em conjunto com o aluno com fins de aprender) e o compartilhar (momento em que se dividem informações e conclusões sobre todo o processo).



ATIVIDADES

Programe uma aula seguindo as etapas do Psicodrama Pedagógico. Para isso, você, caro aluno, deve escolher um assunto e depois descrever como seria cada etapa (aquecimento inespecífico, específico, cena e compartilhar). Bom trabalho!

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Se fosse comigo, eu iniciaria o aquecimento inespecífico contando um caso da Matemática, como o de Gauss ou o de um outro teórico, para chamar a atenção e motivar a curiosidade dos alunos (O Homem que Calculava é um livro cheio de histórias que podem ser contadas por você após uma leitura prévia). Em seguida, iria para o aquecimento específico, apresentando uma pequena introdução do assunto e dizendo como poderia ser usado no dia-a-dia. A cena iria depender das possibilidades. Se tivesse muitos conceitos, faria a discussão desses conceitos em pequenos grupos que depois iriam apresentar o resultado da forma que melhor encontrassem. Se fosse algo com muitos cálculos, usaria o grupo para que fossem resolvendo em conjunto. No final da aula, teríamos o compartilhar, e aqui os alunos diriam o que acharam de todo o processo e da mesma forma o professor. Seriam destacados os pontos fortes de cada um e as principais dificuldades para serem trabalhadas depois, com o professor ou entre os alunos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Castelo de. **Psicoterapia aberta**: formas de encontro. São Paulo: Agora, 1998.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **Psicopedagogia em psicodrama**: morando no brincar. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.
- GONÇALVES, Camila Salles; WOLF, José Roberto; ALMEIDA, Wilson Castelo de. **Lições de psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Agora, 1988.